Bibliotheca da AURORA DO CAVADO

ALMEIDA GARRETT

MEMORIA HISTORICA

DO

Conde de Avilez

LISBOA

Editor — R. V.

Typ. da Empreza da Historia de Portugal

35—R. Ivens—37

1900

BMBM

Bibliotheca da AURORA DO CAVADO

ALMEIDA GARRETT

MEMORIA HISTORICA

DO

Conde de Avilez

LISBOA

Editor — R. V.

Typ. da Empreza da Historia de Portugal

35 — R. Ivens — 37

1900

Tiragem apenas 150 exemplares :

30 em papel de linho
120 em papel d'algodão

Nenhum é exposto á venda.

N.º .....

E' uma grande qualidade o bem querer e o bem crêr, isto é a vontade firme e perseverante de conseguir uma cousa conjugada com a plena confiança de a alcançar, e foi a aliança de uma e outra, conhecida então sob o nome de fé, que nos tornou grandes, aos portuguezes, nos tempos idos, excitando-nos e alentando-nos para as prodigiosas façanhas que nossos maiores praticaram, assombrando o mundo.

Essa qualidade é hoje bem mais

rara do que outr'ora, e poucos se contam presentemente que a possuam nas condições indicadas, que se a muitos sobeja a boa vontade de conseguir as cousas, e em obtêl-o põem todo o esforço, lhes falta a fé, condição indispensavel para um bom exito, que com ella antigamente até se mudavam as montanhas.

Ainda assim, uma que outra vez, para um dado e determinado caso parece alliarem-se esses dous poderosos factores do almejado fim e logram conseguil-o, derrubando ou transpondo os obstaculos que a isso se oppõem, e vencendo, o que mais difficil, o indifferentismo do meio em que o acto tem de realisar-se.

Deu-me de tal testemunho, e incontroverso, o que se passou no nosso paiz com a celebração do centenario do nascimento de Almeida Garrett em 4 de fevereiro passado.

Desde alguns annos que o sr. Joaquim de Araujo, um dos nossos mais

radiantes poetas, digam o que disseram alguns poucos que lhe não queiram bem, e em que lhes pese, e a natureza e idiosyncrasia mais intimamente litterarias que conheço, evangelisava vivamente essa celebração, incitando e excitando todos os homens de lettras a que n'ella cooperassem, desempenhando-se em tal modo da incontrastavel obrigação que corria de o fazerem a todos os que em algo pesam e ainda contam as cousas litterarias, visto que Garrett um escriptor colossal, polygrapho na extensão mais lata do termo, e tendo legado á posteridade, em todos os generos litterarios que abordou e commetteu, consagradas obras primas, e cada dia que mais approximava d'esse centenario melhor se acrisolava elle, sem cessar, em prol da commemoração d'este seu apostolado.

Não obstante, porém, já bem perto vinha tal dia, e nenhuns prodromos se manifestavam que fizessem sus-

peitar sequer, quanto mais esperar, que a voz de Joaquim de Araujo não seria *clamans in deserto*, sem o minimo echo. Via-se, tacteava-se e palpava-se bem o profundo e costumado indifferentismo portuguez, enfermidade de que intimamente padecemos, o acabrunhador marasmo e somno do qual cousa alguma parecia poder despertar-nos.

E a tal ponto e por tal maneira se testemunhava e salientava essa indifferença que havendo-me escripto o sr. Joaquim de Araujo para, juntamente com outros, promovermos uma reunião de homens de lettras, e n'ella a nomeação de uma Commissão a quem fosse incumbida e commettida a iniciativa d'essa commemoração, que de impreterivel necessidade era realisar-se, pois solução de divida a mais sagrada, cujo não pagamento seria labeo irreparavel nos nossos fastos litterarios, eu terminantemente, apesar do pedido repetido, me recu-

sei á honrosa incumbencia, tomando e tendo para isso em conta, além de minha incompetencia, total, para o fazer, e mais do que ella, o bem fundado receio, que tudo justificava, de que completo e monumental seria o fiasco...

Apesar d'estas desalentadoras e pouco agradaveis novas, Joaquim de Araujo não desistiu do proposito, e tanto no nosso paiz como no estrangeiro proseguiu com sua incansada propaganda, querendo ao menos, quando nada com ella conseguisse, ficar bem com a propria consciencia...

O que é indubitavel é que o Centenario de Garrett, graças mais do que a tudo a esse «querer e crêr» do auctor da *Lira Intima* e de tantas outras obras que se contam nas nossas lettras, foi celebrado e commemorado por modo muito digno e levantado no nosso paiz, e ainda mais e melhor no estrangeiro, e isto tanto no

proprio dia 4 de fevereiro, como posteriormente, salvando-se a honra e dignidade nacionaes, e prestando-se á memoria do inclito e altissimo escriptor o culto que lhe é devido.

Este resultado deveria ter deixado contente e satisfeito o sr. Joaquim de Araujo, mas parece que assim não foi, inteiramente ao menos, pois tem continuado elle proprio, e com instigações a seus amigos, a promover a consagração da grandiloqua obra de Garrett, e por suggestão sua é que eu mesmo, havendo trasladado para a minha *Aurora do Cavado*, a Memoria que Garrett publicou na *Revolução de Setembro* (1) sobre o conde de Avilez, d'ella faço separata para o presente opusculo, facilitando em tal modo aos admiradores

(1) Sahiu esta «Memoria» no n.º 1210 da *Revolução de Setembro* de terça-feira, 15 de abril de 1845, começando no principio da 1.ª columna da 2.ª pagina, e terminando quasi no fim da 3.ª pagina.

No n.º 1213 da sexta-feira, 18 d'abril do

do auctor do *Camões*, do *Arco de Sant'Anna*, do *Frei Luiz de Sousa*, das *Viagens na minha terra* e de tantos outros soberbos e immortaes livros, edição de escripto seu ainda não colleccionado em volume. (1)

Fiel é o transumpto que d'elle aqui exaro.

RODRIGO VELLOSO.

mesmo anno, no quasi começo da 3.ª columna da 1.ª pagina sahiu a seguinte

Errata

Na *Memoria Historica* do conde de Avilez publicada na nossa folha de terça feira, aonde se diz no primeiro paragrapho que o mesmo conde nascera em 1795, lêa-se que nasceu em 1785.

(1) A *Memoria Historica* do conde de Avilez foi reproduzida em folhetins do *Campeão das Provincias*, de Aveiro, em 1893, sob a direcção do sr. Marques Gomes, os quaes, paginados sobre si alcançaram de folhas 653 a 664 do tomo 2.º da *Bibliotheca Historico-Politica*, reimpressão de opusculos e documentos raros, pela empreza do mesno *Campeão*. Dá esta noticia o sr. Annibal Fernandes Thomaz na sua *Garrettiana*, accrescentando que sendo poucos os colleccionadores d'esses folhetins para volume, é pouco vulgar essa edição.

Jorge de Avilez Jusarte de Sousa Tavares, conde de Avilez, visconde de Reguengo, par do reino, do conselho de S. M. e do supremo tribunal de justiça militar, commendador de S. Marcos de Monsarás na Ordem de Christo, e da da Torre e Espada, condecorado por S. M. britannica com a Grande Cruz de ouro e dous Braceletes pelas campanhas da guerra da peninsula, com a Cruz de Ouro portugueza e com a medalha de seis commandos na mesma guerra, com a de Victoria e outras por S. M. catholica, com a Estrella d'Ouro pela campanha do Rio da Prata, tenente-general dos reaes exerci-

tos, etc., etc. etc., foi filho de Jorge de Avilez Jusarte de Sousa Tavares, fidalgo da Casa Real e de D. Francisca Rosa Barba de Meneses; e nasceu em Portalegre a 20 de Março de 1795.

E' um longo e interessante capitulo da historia contemporanea o que em breves palavras aqui temos de concentrar, porque mais não permittem o logar e o espaço. Não tardará muito, espero, que em tributo de amisade para com o illustre general, e em satisfação para a historia da nossa terra, se escreva mais ampla memoria d'uma vida que toda se gastou em serviço da patria, e que desde seus primeiros annos tanto contribuiu para conservar a antiga reputação de valor e de lealdade que são os mais nobres de seus caracteres.

Começou o joven Avilez a carreira militar apenas completára a sua educação no real collegio dos nobres, tomando o commando do regimento de milicias do Crato em 1806. Não contava mais do que vinte e um annos de idade; e logo em Outubro do anno seguinte foi mandado com o seu regimento, pelo marquez d'Alorna, fazer parte da guarnição da praça de Elvas

que então se preparava para resistir á proxima invasão dos exercitos de Bonaparte.

Não faltou á nação o animo, faltou porém ao seu governo a vontade de resistir áquella invasão. As causas e os meios não é este o logar de as deduzir: nota-se o facto somente. A nação e o exercito obedeceram ao seu governo legitimo, abrindo as portas de suas praças aos invasores estsangeiros. Os seus principes fugiram-lhe, a sua nobreza desertou-lhe, os seus alliados abandonaram-nos, os seus visinhos fizeram entre si partilhas de seu territorio, e a destruição do nome portuguez parecia consummada.

Bem conheceu o general Junot, que a sujeição dos portuguezes não era voluntaria, que nem o povo nem o exercito, partilhavam na cobardia da côrte e na corrupção dos cortezãos. O exercito, dissolveu-se logo, deixando apenas uma divisão que mandou para além dos Pyreneus servir ao senhor commum a quem toda a Europa obedecia, ao povo, esmagou-o com enormes tributos que, para mais odiosos serem, foram logo *repartidos em contribuição directa*, com pouco ou nenhum respeito aos ha-

veres dos contribuintes, e só com a mira no engrossar os cofres dos exactores.

Tal era o estado de Portugal em 1807 quando chamado, pelo fallecimento de seu pae e de seu irmão mais velho, a succeder nos morgados de uma das mais opulentas e distinctas casas da provincia do Alemtejo, Jorge de Avilez se retirou indignado e despeitoso, do serviço publico, então convertido em serviço dos oppressores da patria.

Pertencia áquella classe de nobreza que, na sua grande maioria, sempre fez causa commum com o povo, e tem confiança n'elle.

E o povo de Portugal não faltou d'esta vez, como ainda não faltou em nenhuma das grandes crises que tem ameaçado soverter a dynastia e o reino. Á desanimação geral succedeu a indignação; á indignação a coragem. Portugal levantou-se como um só homem, expulsou os seus oppressores; e os alliados e os amigos lhe voltam logo, segundo é a ordem do mundo e de suas cousas. A cidade de Portalegre é uma das primeiras a levantar o pendão da independencia nacional; organisa

logo um regimento de voluntarios reaes, proclama para seu chefe o coronel Avilez, e o escolhe, ao mesmo tempo, para um dos vogaes da junta governativa que alli se erije, e que o confirmou n'esse posto.

Em agosto de 1808 já encontramos os voluntarios de Portalegre entrando em Campo Maior a soccorrer aquella praça, e o seu bravo coronel indo pessoalmente a Hespanha para fazer conduzir armas e munições, de que ella carecia.

O regimento fôra equipado e fardado á custa de seu patriotico chefe; incorporado d'ahi a pouco na divisão do Sul, e em marcha para Lisboa, os prets dos soldados, e os soldos são pagos tambem por elle.

Chegou o mez de Outubro d'aquelle memoravel anno; e, reorganisado o exercito portuguez, o regimento de Portalegre tomou o nome de caçadores n.º 1. Por decreto de 21 de Janeiro do anno seguinte o coronel Avilez foi nomeado seu tenente coronel.

O decrescimo na patente, e a parcialidade que algumas comparações faziam evidente, não diminuiu o ardor do joven patriota; continuou a servir

com o mesmo zelo e desinteresse. Por tão nobre procedimento recebeu depois a commenda de Monsarás na ordem de Christo, em cujo diploma ficaram honrosamente exarados os generosos serviços que lh'a mereceram.

Desde então até o fim da guerra peninsular, o nome de Avilez é um dos que mais brilham n'aquella serie de prodigios e gentilezas que rehabilitaram o nome portuguez n'este seculo, e na qual, apesar da vaidade e injustiça, dos escriptores estrangeiros, e do não menos criminoso silencio dos nossos, a parte que nos compete de gloria é muito maior do que ás naturaes proporções de tão pequeno reino parecia competir.

Nas acções d'Alameda, Cabeço-Negro, Gandara-de-Mortagua, na batalha do Bussaco, em Alenquer, Pombal, Redinha, Condeixa, Foz-d'Arouce, Ponte-de-Marcella, Sabugal, Fucalhos, na batalha de Fuentes d'Onor e assalto de Ciudad-Rodrigo, os seus feitos de valor foram taes que o proprio ciume britanico lhe fez justiça.

Tendo commandado o seu corpo em todas aquellas acções, por ellas recebeu d'el-rei de Inglaterra a grande cruz de

commandante, e depois os braceletes de ouro pelos feitos pessoaes nellas praticados, e nas de Pamplona, Nyvell, Pyreneos e Nice, em que foi gravemente ferido.

Nem se distinguiu menos nas batalhas de Sauveterre, Ortez, Tarbes e Ayre commandando a brigada do Algarve.

Liberta emfim a peninsula, vencido o inimigo commum, e voltando o exercito portuguez aos seus lares, Jorge d'Avilez, já coronel do exercito, foi encarregado do commando da força militar na praça d'Elvas.

Mal se começavam a desfructar as doçuras de uma paz que tantos sacrificios custára, quando a guerra pareceu de novo accender-se com a volta da ilha d'Elba, e com os pasmosos successos dos *cem dias* que foram terminar na memoravel batalha de Waterloo. Apesar de cansado e exhausto, e do inquestionavel direito que tinha a descançar agora, quando tantos novos auxiliares tinham accudido *por fim* á causa da Europa, nem por isso Portugal deixou de preparar o seu contingente para este ultimo esforço. O coronel Avilez foi chamado ao commando das bri-

gadas que deviam partir para a Belgica a reunir-se ao exercito alliado, quando a noticia da batalha de Waterloo, e da paz geral que se lhe seguiu, veio suspender a sua marcha.

Terminado assim o primeiro estadio de tão longa e aventurosa carreira militar, não parou ella todavia, nem parava o animo do joven guerreiro em quanto houvesse gloria e perigos que para alguma parte o chamassem.

N'este anno de 1815, promovido a brigadeiro, e nomeado commandante da 1.ª brigada de divisão de *Voluntarios reaes do principe* novamente se aprestou para entrar em campanha.

Os louros da guerra peninsular, transplantados para o Novo-Mundo, não degeneraram. Na conquista do Rio-da-Prata o general Avilez distinguiu-se como sempre. Em Abril de 1817 é promovido a marechal de campo. No governo da praça de Montevideo, em differentes acções, e especialmente na de Paço-de-Arena, fez os maiores serviços ao seu soberano; e por elles teve a condecoração da Estrella de Ouro.

Chegou, no entretanto, o memoravel anno de 1820, e no mez de Novembro o general Avilez veio com licença ao

Rio-de-Janeiro. Aproximava-se a grande catastrophe de desmembração da monarchia, e seus tão honrados quanto inuteis esforços iam ser baldados n'essa nova corte do antigo reino de que tão breve devia separar-se. Conferiu-lhe el-rei, antes de partir para a Europa, o commando das armas do Rio-de-Janeiro com a graduação de tenente-general. Tomou conta d'aquelle encargo tão difficil e arriscado, e por mais de um anno luctou com as indiziveis difficuldades da sua posição.

Se não é cedo para julgar dos importantes acontecimentos d'aquella epoca, certamente é cedo para pronunciar juizo sobre tantos caracteres que n'ella figuraram e influiram. E em todo o caso, não é no rapido esboço de uma memoria como esta que se ha de aventurar similhante julgamento. Ha porém cousas tão manifestas e palpaveis, que nem se podem negar, nem ha conveniencia alguma em as dissimular. O principe regente e o general Avilez ambos se achavam na mesma situação: ambos estavam collocados entre a necessidade moral de ser fiel ao soberano e á mãe patria, e a necessidade physica de ceder á vontade cada vez mais declara-

da, mais energica e unanime do povo brazileiro. Não podia durar muito esta situação, nem durou. O principe, aceitando o imperio, seguiu os ditames da politica, e certamente salvou da anarchia e da destruição aquella vasta porção do globo. O general optou pelos severos preceitos da fidelidade antiga, e não pôde salvar senão a sua honra.

A' testa da divisão auxiliadora, o general Avilez resistiu, a ameaças, a promessas, a intrigas e a seducções. Retirando-se do centro do Rio-de-Janeiro para Praia-Grande, ahi se viu em breve sitiado e sem viveres. Sua esposa, companheira constante de todas as suas glorias e trabalhos, não hesitou em fazer o sacrificio de suas joias; e assim se acudiu ás necessidades mais urgentes da brava divisão.

Todo o empenho do governo do Rio-de-Janeiro, já então declaradamente independente, era fazer-lhe depôr as armas; não o conseguiu: e aquelles poucos, mas leaes e valentes soldados, alcançaram por fim regressar ao reino commandados pelo seu general, com suas bandeiras e as suas armas, tendo perdido tudo certamente, menos a honra e o nome de portuguezes.

Chegou a divisão auxiliadora a Lisboa em 21 de Maio de 1822, e como quem trazia tão más novas, o general não foi bem recebido do governo nem das côrtes, a quem todavia deu plena e satisfactoria explicação de seu procedimento. Retirou-se á sua casa na provincia, e d'ahi a pouco Portalegre o elegeu seu deputado.

A sua carreira parlamentar foi tão nobre e generosa como a militar tinha sido. O anno de 23 começou turbado e ameaçador pelos esforços da politica estrangeira, senão é que por desacertos de casa tambem. Em Maio seguinte o infante D. Miguel, evadindo-se de Lisboa, vai collocar-se á frente de uma insurreição militar. El-rei quer sustentar a constituição, forma-se novo ministerio, e o general Avilez, por acclamação do congresso, recebe o commando em chefe do exercito.

Mas já era tarde; o exercito estava contaminado. Corpo a corpo, a guarnição de Lisboa se foi juntar ao infante; e o ultimo regimento, o 13 d'infanteria, fugiu por fim com el-rei, que não teve outro remedio senão ir fazer-se chefe de uma revolução que tanto, ou mais, tinha por fim despojal-o de sua

propria auctoridade, como roubar a liberdade á nação.

O general em chefe, redusido a commandar uns poucos de guardas nacionaes improvisados de tres dias, e escassamente armados, sustenta comtudo a tranquilidade da capital; e só quando dispersas as côrtes e invadida a cidade pelos sublevados, depõe o commando que a nação por seus representantes lhe entregára.

Este brio e constancia, que os nossos reis antigos até em seus proprios contrarios costumavam louvar e premiar, mereceu ao general Avilez uma perseguição cruel, acintosa, inexplicavel nos pretextos que para ella se tomavam, uma d'aquellas perseguições que fazem a gloria da victima e que são o eterno opprobrio dos algozes.

Apenas restabelecido o chamado *paternal* governo d'el-rei, o general Avilez é mandado sahir de Lisboa em duas horas. Retira-se á sua casa no Alemtejo, e ahi é intimado para se apresentar em Cezimbra. Obedeceu, e apenas lá chega, é logo preso por ordem do ministro da guerra. D'ahi é condusido ao castello de S. Jorge, d'ahi removido para a torre de Belem, onde por fim

é intimado pelo mesmo ministro (Martins Pamplona, depois conde de Subserra) para responder em conselho de guerra pelo seu procedimento no Rio-de-Janeiro, onde o seu grande crime se declarou ter sido o *de insoburdinação e revolta contra o poder do principe regente!*

Foi condemnado em 3 de fevereiro de 1824 a trabalhos de fortificação!

Menos absurdamente brutal, porém mais estnpida e incoherente é a decisão do supremo conselho de justiça militar que — reconhecendo os relevantes serviços que o general prestára no Rio-de-Janeiro — em vez de o absolver de toda a imputação criminosa, e o declarar digno de mercê e não de castigo, commuta a pena da primeira sentença em perdimento de posto, e n'um anno de prisão na praça de Castello-de-Vide.

Assim se julga onde os juizes estão ás ordens dos ministros; assim se governa onde os caprichos, os odios, as invejas são mais fortes que as leis. O sr. rei D. João VI era um bom e indulgente monarcha: mas seja o principe que fôr, todas as restaurações são as mesmas

Restituida a liberdade a Portugal pela magnanima e prudente concessão

da carta de 1826, a iniqua sentença foi declarada nulla por um conselho de guerra, em nome do mesmo principe contra quem o general Avilez era accusado de se haver rebellado.

Mas aquella promessa de liberdade e de justiça que a carta nos fizera tinha de ser frustada como tantas outras promessas. A sua execução e cumprimento em breve foi confiada a fataes mãos. A usurpação do throno e a destruição da liberdade eram inevitaveis, se a tempo e com uma forte opposição não fosse prevenida.

Diligenciou faze-lo em Lisboa o general Avilez; não o conseguiu. Escusado é desenvolver os motivos; a historia os dirá. Retirando-se á sua provincia com o fim principalmente de dispor as tropas do Além-Tejo para fazer alli o que em Lisboa se não conseguira — esteve a ponto de vêr realisadas suas generosas intenções; mas um funesto accidente as veio destruir. Tinha começado no Porto a reacção, e a regencia instalada n'aquella cidade, por decreto de 21 de maio o nomeara commandante em chefe do exercito de operações, quando infelizmente quebrou uma perna, e n'este estado foi preso,

conduzido para o forte de Lippe, depois para a Torre de S. Julião, d'alli para o castello de S. Jorge, onde, por espaço de quatro annos, soffreu os mais temiveis padecimentos que se podem imaginar. Sequestraram-lhe os bens, tiraram-lhe os soldos, separaram-n'o de seus filhos, e por fim viu sua nobre esposa encerrada n'um carcere, mas por maior requinte de barbaridade em carcere separado do d'elle.

Não estava ainda satisfeita a sanha dos perseguidores: de prisão com prisão o trouxeram por todas as cadeias e fortalezas do reino, até que, no fim de seis annos de captiveiro, pôde felizmente evadir-se das prisões de Bragança em 28 de fevereiro de 1834, fugindo para Alcaniças em terra de Hespanha.

Estava já adiantada a restauração do reino; e o governo de Madrid, já então inclinado á causa constitucional, mandou immediatamente pôr á disposição do general Avilez meios pecuniarios, armas e munições de que carecesse para equipar os emigrados portuguezes que logo se lhe juntaram.

Com effeito, tendo organisado um batalhão de infanteria e um esquadrão de cavallaria, o general Avilez entra

em Bragança em 28 d'Abril do mesmo anno, e pondo em fugida a guarnição d'aquella cidade, favorece as operações do duque da Terceira na passagem do Douro para a Beira-Alta, e em um momento corre toda a provincia depondo as auctoridades da usurpação (1) e substituindo-as por pessoas de conhecida adhesão ao systema constitucional.

Chamado a Lisboa por S. M. I. o duque regente, é logo nomeado governador militar da côrte e provincia da Extremadura, promovido a tenente general effectivo, e creado conselheiro do supremo tribunal de justiça militar.

N'este mesmo anno é novamente eleito deputado ás côrtes, e em 3 de Novembro vai tomar o commando em chefe do exercito de observações em Traz-os-Montes. Pacificada a provincia, que se achava em verdadeira anarchia, estabelecida no exercito a mais severa disciplina, recebeu por isso os maiores elogios do governo, e obteve voltar a Lisboa por lhe não permittir já o estado de sua arruinada saude a continuação de tão pesado encargo. Pouco tem-

(1) Uma d'estas, é actualmente bispo de Bragança e par do reino!

po depois toma outra vez o governo das armas da côrte e provincia da Extremadura.

No 1.º de Dezembro d'esse mesmo anno de 1835 foi creado visconde de Reguengo.

Não era passado um anno, quando as varias causas que todos conhecem, e que não é para este escripto examinar trouxeram a revolução de 9 de Setembro de 1836. Por honra de sua pessoa e por dever do seu cargo, o general nem podia nem sabia deixar de ser fiel á soberana; mas, por coherencia e principios, tambem não podia ser adverso á causa popular que tão strenuamente defendera e pela qual tanto padecera: defendeu a pessoa da rainha; mas, além de lhe faltarem os meios de acção, não ousaria, quando os tivesse, intentar hostilidades contra a guarda nacional de Lisboa que, em pouco, se viu auxiliada por grande parte da força de linha, e que não proclamava senão a restauração das primitivas instituições liberaes, aquellas mesmas que tinham formado o partido constitucional, com cujo unico auxilio se tinha restaurado o throno da rainha.

A filha de D. Pedro IV annuiu ao

voto publico; e o antigo general da nação pôde emfim, e sem quebra de nenhum dever, auxiliar em 1836 a restauração daquelle codigo que desde 1823 os representantes do povo tinham entregue á sua guarda nos ultimos e desesperados momentos de sua curta existencia. Não se tratava dos defeitos que podia ter essa lei constitucional, nem de a comparar com outras; tratava-se de um principio que não podia nem queria renegar. — E' um ponto questionavel para o politico: o homem d'estado desapprovará provavelmente o movimento de Septembro de 1836. Cada um pode julgal-o a seu modo. Quem escreve estas linhas lamentou-o profunda e sinceramente, como uma verdadeira calamidade... Deixar de o seguir um liberal portuguez de 1820, é que não sei como se podia fazer; nem como se possa explicar direitamente.

N'este caminho, que já não era de opção, mas forçoso para elle, proseguiu o general visconde de Reguengo, com a mesma coherencia e firmeza, atravez das crises que em breve se succederam. Na reacção de Belem, o seu principal empenho foi fazer embarcar a força estrangeira que tão inconsiderada-

mente fôra chamada a intervir nas nossas disputas civis. Na revolta dos marechaes, manteve a ordem e proveu á defeza da capital com admiravel prudencia e no meio de pasmosa tranquilidade.

Parecia ter posto termo ás discordias civis a convenção de Ruivães, tão generosa, tão fielmente cumprida senão é na admiravel indulgencia com que deixou de se executar tudo quanto podia julgar-se mais severo para os vencidos. Mas novas dissenções vieram affligir-nos, e pôr outra vez á prova os inabalaveis principios do general.

E aqui torna a especialisima natureza d'este escripto a embargar a penna para que não entre por causas e circumstancias que aliás muito conviria que fossem bem conhecidas. Mas basta que se diga que os successos de 13 de Março de 1838, tão fataes ao partido e á causa liberal, fossem por quem fossem provocados, acharam o visconde de Reguengo no mesmo firme proposito e sincera intenção com que em todas as nossas questões liberaes tinha sempre entrado o general Avilez. Queria e devia restabelecer a ordem, empregou todos os meios de conciliação e ti-

nha conseguido triumfar com elles sós.

As forças da guarda nacional que se achavam na Graça, marcharam com as do general para a Praça de D. Pedro na mais perfeita harmonia. Sobreveio a noute, e alguns mal intencionados, cujo nome ainda hoje se ignora, fizeram fogo sobre a tropa de linha. D'aqui se seguiram os desastres d'aquella funesta noute que ninguem mais do que elle deplorou; porque a liberdade não é possivel sem ordem; mas quando para obter a ordem é forçoso quebrar a energia dos cidadões, quando em vez de o *reprimir*, como é necessario muitas vezes, se chega a *deprimir* o elemento popular, o equilibrio constitucional torna-se difficil, se é que não impossivel.

O general teve o seu cavallo morto, e foi levemente ferido na mão esquerda: mais profundamente o feriu no coração o desastroso successo d'aquella noute, e o ponderar as funestas consequencias que havia de trazer para todos os que n'ella contendiam.

Creado conde de Avilez por S. M. e eleito senador pela sua provincia, continuou no commando militar da côrte, até que, em 1840, estando na sua ca-

sa do Alemtejo com licença, repentinamente o mudaram d'aquelle commando para o da 7.ª divisão militar. Conheceu os motivos e os fins da sua remoção, e recusou a mercê que tão manifesta injuria involvia.

D'ahi a pouco mais de um anno, a constituição estava destruida e a carta restaurada. O conde de Avilez feito par do reino, só deixou desde então a vida privada a que se reduzira, para ir á camara, protestar, com o seu voto silencioso mas constante contra a marcha errada de um governo que tantas antipathias provocava.

A reacção de 1844 achou-o enfermo e retirado em uma herdade sua no Alemtejo. Mas ahi mesmo o foi procurar a malquerença gratuita de seus inimigos. Teve o desgosto de ver cercada a sua casa da herdade da Torre, onde habitualmente residia no tempo da lavoura. Praticou-se isto ainda as garantias não estavam suspensas em Portalegre; e sem que tivessem precedido as devidas cortezias prescriptas pelas leis militares.

Entrou na herdade um esquadrão de cavallaria n.º 3 e lanceiros commandado pelo major Leal, invadindo-a sem

pedir a venia do costume. Nem é pretexto a projectada prisão do conde do Bomfim, porque alli estava o general Avilez, a quem eram devidos todos os respeitos.

Desde então até o principio d'este anno foram-lhe diminuindo as forças e crescendo as enfermidades. Prostrado em fim por um violento e tenacissimo ataque de gotta, soffreu com resignada paciencia a sua ultima molestia; e, impotentes todos os recursos da arte, rodeado de seus inconsolaveis filhos, e nos braços de sua esposa, expirou ás 8 horas da noute do dia 15 de fevereiro de 1845, no sitio da Junqueira.

Assim acabou o mais antigo, mais distincto e fiel general da liberdade na nossa terra. A causa constitucional tem achado outros defensores illustres, outras espadas generosas — nenhuma tão leal, e nenhuma tão segura. Serviu a patria quasi desde o berço até a sepultura. Póde-se dizer que os dias que não passou combatendo inimigos do seu paiz e defendendo os seus concidadãos, é por que a tyrannia o tinha proscripto e encarcerado. Serviu fielmente o rei, não trahiu nunca o povo, adorou a gloria, amou a patria, e deixando por causa

d'ella, muito diminuido a seus filhos o patrimonio que herdou dos antepassados, deixa-lho todavia accrescentado com tanto cabedal de honra e nobresa que podem competir n'essa riqueza com as mais illustres familias do reino.

O nome de Avilez, que já pertence á historia da Europa moderna, é um dos que a portugueza tem de gravar em caracteres mais claros na sua melhor e mais pura pagina.

9 de março de 1845.

A. G.